

Editorial

Desde os anos 1970, quando a intelectualidade por fim descobriu os quadrinhos, são publicados estudos com a pretensão de desvendar linguagens, gramáticas, sistemas dos quadrinhos. Ainda que se ateste a inegável contribuição teórica e analítica, a tradição dos estudos de quadrinhos, fortemente influenciada ainda hoje pelo estruturalismo, construiu-se a partir de uma metodologia bastante restrita: era preciso apreender o objeto, isolar suas unidades, apontando sua funcionalidade no todo para então, após a dissecação, recompor um corpo universal a todos os quadrinhos, de modo que cada elemento testemunhe o quão é necessário ou contingente. Os limites desse procedimento evidencia-se na proliferação dos resultados e seus desacordos. Questões que seriam supostamente sanadas, como o que são os quadrinhos, quais são seus elementos fundamentais e o que delimita aquilo que é ou não uma história em quadrinhos permanecem em aberto.

As múltiplas definições de quadrinhos jamais foram apaziguadas, a incapacidade de se chegar a um elementar dos quadrinhos mostrou-se insistente, e com razoável facilidade pode-se contrapor exceções a qualquer universalização dos recursos que caracterizam aquilo que é ou não uma história em quadrinhos. Mesmo Thierry Groensteen, na introdução de *O Sistema dos Quadrinhos*, no tópico “A definição inencontrável”, ao avaliar qual seria a essência dos quadrinhos, atestará a aporia da missão. Daí sua aposta no dispositivo espaçotópico e na artrologia restrita e geral, tentativas parciais de não mais estudar o objeto quadrinhos a partir de sua imobilização e desmembramento, mas por sua relação e acontecimento. “Da minha parte, estou convencido que não é abordando as HQs ao nível do detalhe que poderemos, ao preço de uma ampliação progressiva, chegar numa descrição coerente e fundamentada da sua linguagem. Proponho o contrário: que os abordemos do alto, ao nível de suas articulações maiores” (GROENSTEEN, 2015, p. 13).

Caminhos semelhantes tomaram Charles Hatfield em *Alternative Comics* ao pensar os quadrinhos a partir de suas tensões e Maaheen Ahmed em *Openness of Comics* ao pegar emprestado o conceito de obra aberta de Umberto Eco para teorizar estruturas flexíveis aos quadrinhos. Observa-se, portanto, que o estudo dos quadrinhos contemporâneos traz consigo, por vezes de maneira esquizofrênica, uma vontade de potência. Conceito nietzschiano, potência

enquanto poder-vir-a-ser, que aplicado ao estudo dos quadrinhos significa uma virada metodológica. Não se trata mais de colocar o quadrinho sobre a mesa de autópsia, mas de abordá-lo em sua plena vitalidade. Aqui reconhece-se traços do método de Aby Warburg, para quem as imagens deveriam ser pensadas não pela exclusividade ou simples sequencialidade, mas por sua serialidade, capacidade sintomática de estabelecer relações múltiplas, anacrônicas e imprevisíveis. Hannah Miodrag em *Comics and Language* faria percurso parecido ao criticar o elogio ao sequencial enquanto pressuposto de transparência narrativa, ao passo que Christopher Pizzino em *Arresting Development* denunciaria o olhar organicista sobre os quadrinhos que por meio de um discurso Bildungsroman, isto é, discurso que organiza e valida uma adultidade progressiva, acaba por ocultar toda sorte de forças e contraforças.

Pensar as potências dos quadrinhos implica, portanto, em uma recusa a qualquer organização da HQ, tentativa de qualificá-la enquanto organismo fechado, para, de outro modo, abrir-se a uma cartografia dos corpos móveis, imagens rizomáticas, “corpo sem órgãos”, espaço de entradas e saídas, tempos e contratempos, ou seja, devires, pelos quais afetos e perceptos agenciam-se sensivelmente na materialidade dos quadrinhos. Em outras palavras, os quadrinhos tornam-se potentes quando voltam-se contra qualquer projeto de identidade universal e sinalizam insistentemente um ir além, ponto de fuga ontológico.

Diante dessa emergência e sua atualidade, o dossiê "Potências dos Quadrinhos" traz interessantes contribuições a essa problemática. **“A articulação de imagens em quadrinhos e em filmes”**, de Camila Augusta Pires de Figueiredo, propõe-se a analisar os processos de elaboração e articulação de imagens nas páginas dos quadrinhos e na tela de cinema de acordo com categorização do teórico Thierry Groensteen. **“Dicionário crítico: pensar definições de quadrinhos a partir de Bataille e Benjamin”**, de Lielson Zeni, constrói um dicionário crítico das histórias em quadrinhos conforme os modelos de Georges Bataille na revista *Documents* e Walter Benjamin em *Passagens* e outros pequenos textos, misto de ensaio, memória e ficção. **“Histórias em quadrinhos e memória: algumas aproximações”**, de Guilherme “Smee” Sfredo Miorando, investiga a proximidade entre os mecanismos que regem a aquisição e a manutenção da memória autobiográfica e da narrativa dos quadrinhos, pensando como a aquisição da leitura dos quadrinhos perpassa a memória e como fatores

externos à leitura também são importantes para essa experiência mnemônica individual e coletiva. **“Quadrinhos como instrumentos de crítica ou propaganda política, uma análise das hqs Reagan’s Raiders (1986-1987)”**, de Rodrigo Aparecido Araújo Pedroso, analisa de um ponto de vista historiográfico como o presidente do Estados Unidos, Ronald Reagan, foi representado na breve série em quadrinhos Reagan’s Raiders, expondo as críticas ou sátiras presentes nas HQs e discutindo as mensagens que os autores procuraram passar sobre o presidente e o contexto social e político dos EUA em meados dos anos 1980. **“Comicidade além da tira: paratextos como estratégia para produção do humor”**, de Paulo Ramos e Karoline Caetano Brito, examina as formas como os paratextos ficcionais dialogam com o humor na obra Will Tirando, mostrando como os paratextos ficcionais são utilizados como estratégia para a criação de novas camadas de humor. **“Lentidão nos quadrinhos: estratégias de desaceleração da leitura nas narrativas gráficas”**, de Greice Schneider, defende os quadrinhos como meio privilegiado para o cultivo de regimes lentos. **“O museu transformado em campo operatório em Guardiães do Louvre”**, de Rafael Senra Coelho, analisa o romance gráfico de Jiro Taniguchi a partir de um ponto de vista benjaminiano. **“O Perfuraneve: entre a desesperança e a resistência”**, de Susana Dobal e Jorge Alam Pereira dos Santos, analisa o romance gráfico francês como chave de leitura da nossa realidade. **“O poético em quadrinhos, o poético dos quadrinhos”**, de Leonardo Pogliã Vidal e Murilo Ariel de Araujo Quevedo, averigua a possibilidade da escrita da poesia em quadrinhos, assim como a adaptação de poemas para os quadrinhos. **“Por uma deca-análise da criação da imagem nos quadrinhos”**, de Amaro Xavier Braga Jr, vai olhar para as páginas de Sandman a partir da tábua de conceitos propostos por Donis A. Dondis. Por fim, **Os quadrinhos italianos pós-77 e o povo porvir: Ranxerox e Squeak the Mouse**, de Alexandre Linck Vargas e Ciro Inácio Marcondes, propõe visitar a geração de quadrinistas italianos pós-eventos de 1977 (em especial RanXerox e Squeak the Mouse) para discutir as potências dos quadrinhos relacionadas às revoltas, aos povos, à modernidade e à própria estética do meio.

Desejamos uma ótima leitura!

Alexandre Linck Vargas

Ciro Inácio Marcondes

10.19177/memorare.v6e220191-3